

Museu Kanindé: Fórum de Conhecimentos à Ancestralidade Indígena

Kanindé Museum: Indigenous Ancestral Knowledge Fórum

Suzenilson da Silva Santos¹

DOI 10.26512/museologia.v10i19.36178

52

MUSEOLOGIA & INTERDISCIPLINARIDADE Vol. 10, n.º 19, Jan./Jun. de 2021

Resumo

Nos últimos anos, o povo indígena Kanindé tem atuado na apropriação de um processo museológico, protagonizando a construção de um museu, um espaço de memória e centro de documentação em seu território, onde este espaço tem assumido um importante papel na luta e resistências do povo, ao se constituírem em um potente espaço de reivindicação de uma educação diferenciada, de valorização dos processos tradicionais de transmissão de conhecimento, de afirmação étnica, de construção de autorrepresentação e contranarrativas, de produção, difusão cultural e de luta pela demarcação do território, produzindo um processo de autonomia. Atualmente o envolvimento do povo Kanindé nesse projeto de construção de um espaço específico que represente a sua cultura, tem sido em torno de uma consciência sobre a importância de se preservar seus ritos, saberes, fazeres e ecossistemas presentes em seu território. O presente trabalho pretende demonstrar as experiências que se entrelaçam diretamente aos processos museológicos próprios dos Kanindé em Aratuba no Ceará em busca do direito a uma memória indígena preservada.

Palavras-chave

Museologia Nativa. Ancestralidade. Resistência Étnica. Povo Kanindé, CE.

Abstract

In recent years, the Kanindé indigenous people have been involved in the appropriation of a museological process, leading to the construction of a museum, a memory space and documentation center in their territory where this space has assumed an important role in the struggle and resistance of the people by constituting a powerful space for demanding differentiated education, valuing the traditional processes of knowledge transmission, ethnic affirmation, self-representation and counter-narrative construction, production, cultural diffusion and struggle to demarcate the territory, producing a process of autonomy. Currently the Kanindé people's involvement in this project of building a specific space that represents their culture, has revolved around an awareness of the importance of preserving their rites, knowledge, practices and ecosystems present in their territory. The present work intends to demonstrate the experiences that intertwine directly to the museological processes typical of the Kanindé in Aratuba in Ceará in search of the right to a preserved indigenous memory.

Keywords

Native Museology. Ancestry. Ethnic Resistance. Kanindé People, CE.

Introdução

Eu me lembro que meu avô tinha medo de falar na história indígena porque dizia que o branco matava o índio. Minha mãe e meu pai passaram isso pra mim. O meu pai, quando eu saía pros encontros lá fora, ele dizia: "Sotero tu tem cuidado com isso aí porque o povo matava os índios e vocês tão se declarando os índios, aí eles vão matar. Vocês são índios, mas fiquem calados". Mas você ser uma coisa e ficar calado, né... Aí eu fui e pensei: o museu são histórias, aí fui arrumando as primeiras pecinhas. Pra mim o museu são histórias. É só coisa feia, mas é uma coisa da cultura da gente. Eu comecei com estas peças, que era o que a gente trabalhava: o machado, a foice. Aí fui vendo que a caça é uma cultura. O que a gente faz de artesanato também. (Cacique Sotero).

¹ Indígena Kanindé, Mestrando do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades – MIH, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira – UNILAB Redenção – Ceará. mkindio@gmail.com - ORCID 0000- 0001- 5685 - 9402

Este artigo surge da pesquisa sobre a experiência do povo Kanindé com um processo de Musealização próprio de objetos, estabelecendo um olhar sobre a museologia Kanindé como território de ancestralidade, luta e resistência em torno de objetos que possuem significados simbólicos, históricos e identitários, na memória do povo que estabelece variadas relações entre as áreas do conhecimento e do saber de atividades de aprendizado.

Do costume dos mais velhos em colecionar objetos, surgindo um movimento na aldeia em torno do reavivamento da memória coletiva, a partir da história contida em cada objeto e da necessidade de criação de um museu. O museu passa a fazer parte dos processos educativos da juventude em articulação com a Escola Indígena. Além disso, o povo Kanindé passa a fazer parte de redes de museus comunitários e indígenas, participando de articulações sociais amplas, em âmbito regional, nacional e internacional.

O povo indígena Kanindé habita as Zonas Rurais dos municípios de Aratuba (Aldeia Fernandes e Aldeia Balança “Pé da serra”), e Canindé (Aldeia Gameleira), perfazendo um total de 1.101 pessoas em aproximadamente 285 famílias em 249 residências nas três localidades no estado do Ceará, segundo os dados do cadastro de indígenas realizado pela Fundação Nacional do Índio (Funai) Coordenação Regional Nordeste II no ano de 2010. (Sistema de Controle demográfico – Coordenação Regional Fortaleza).

Na história dos Kanindé as três comunidades que formam o povo, uma localizada no sertão de Canindé (Aldeia Gameleira) e as outras duas na descida da serra de Baturité (Aldeia Fernandes e Aldeia Balança). Todas elas se caracterizam por ter uma relação muito forte de consanguinidade que demonstra uma genealogia comum ao longo de sua existência, principalmente física e cultural. Seu processo de afirmação e organização étnica enquanto povo indígena Kanindé se iniciou em 1995, a partir do contato com as demais etnias do Ceará, principalmente os Tremembé de Almofala, estimulados pela entidade indigenista Associação Missão Tremembé (AMIT)². Desde então, nasce uma grande mobilização pela afirmação étnica, pela demarcação do território, saúde, educação diferenciada, memória etc., obtendo crescente reconhecimento público e governamental.

O museu indígena é um espaço de transformação, afirmação étnica e identitária para os povos indígenas, de estratégia política pelos seus direitos. “Manter a história somente na memória não foi o suficiente para garantir a sua perpetuação. Foi pensando assim que o cacique do povo Kanindé, José Maria Pereira dos Santos, o Sotero, organizou por volta de 1996 o Museu dos Kanindé.” (SANTOS, 2016: 156)

O Museu Indígena Kanindé tem sido fundamental nos aprofundamentos sobre a existência de museus indígenas no Ceará, no Nordeste e no Brasil, chamando a atenção principalmente para a sua formação de acervo, sua representação acerca de si mesmo, dos índios para os índios, pois contar essa história é necessário para retratar a resistência dos povos sobre sua versão na história onde aqui neste estado: “A invisibilidade dos índios está relacionada com a situação dos grupos indígenas em todo o Nordeste, os primeiros a serem alcançados pela expansão colonialista, dentre os quais muitos foram considerados

2 A Associação Missão Tremembé – AMIT – é uma instituição privada sem fins lucrativos localizada em Fortaleza Ceará. Foi fundada em 10 de novembro de 1995 com o objetivo de garantir a defesa dos direitos sociais indígenas. Na época trabalhava com os indígenas no Ceará e em especial com os Tremembé de Almofala e os Kanindé de Aratuba. Foi uma das articuladoras do movimento indígena Kanindé, envolvendo vários outros povos indígenas do Ceará também na luta.

Museu Kanindé:

Fórum de Conhecimentos à Ancestralidade Indígena
extintos e aculturados”. (RATTS, 1996: 5).

Essa é uma experiência vivida intensamente e cotidianamente no processo de como os Kanindé se apropriam do museu indígena, se tornando importante porque contribui para problematizar como um povo indígena não destrói seus atos de pensar e agir, diante daquilo revela a dinamicidade da cultura e da organização social que a cada dia produz mais capacidade de interação do povo com sua própria historicidade.

A descoberta dos museus pelos índios tem mostrado várias experiências na contemporaneidade, remetendo-nos a reflexões sobre a criação destes espaços diante dos povos indígenas, principalmente no campo da memória e da organização social dos povos, tornando-se fundamentais para nossa compreensão do papel dos museus indígenas, já que são criados e geridos pelas próprias etnias indígenas.

O Museu Indígena Kanindé (MK) foi o primeiro museu indígena criado no Ceará em 1995, e o segundo museu indígena no Brasil, pelo seu fundador cacique Sotero, segundo ele, para mostrar o índio na sociedade. Quando o cacique Sotero³ criou o museu Kanindé, ele passou a ser um elemento essencial da identidade indígena do povo, numa perspectiva de construção coletiva, ao mostrar o próprio olhar do índio Kanindé sobre sua versão da história. Desde então, o museu dos Kanindé vem chamando atenção, principalmente por suas atividades realizadas em torno da educação escolar indígena e em museologia indígena numa perspectiva coletiva.

Essa experiência se tornou referência no Brasil diante das crescentes práticas museológicas de cunho social, não somente dos povos indígenas, mas de outros sujeitos coletivos também. Os Museus Indígenas podem ser entendidos como espaços de relevância para a apropriação da memória e fortalecimento da identidade étnica, particularmente na relação com crianças e jovens, pois através do museu podem salvaguardar e usufruir dos objetos da história que se tem no presente, em consonância com o passado, para poder afirmar no futuro a sua identidade e relações étnicas. A este respeito Gomes e Vieira Neto (2009: 32) afirmam que,

O museu indígena é um potencial vetor para dar visibilidade as diferenças culturais e terreno fértil para as lutas provindas do processo de construção social da memória. A atuação de sujeitos outrora marginalizados e as potencialidades de reescrita da história tornam o museu indígena um lugar privilegiado no conjunto das lutas provindas da organização dos povos indígenas contemporâneos.

Desenvolvimento

O museu pros Kanindé é bisavô, é avô, é pai e é mãe, porque é a história deles, a história que tinha lá atrás, é o que a gente tem aqui. O museu pros Kanindé é vida. Nós gostamos do museu o tanto que a gente gosta dos pais da gente, porque ali tem um pouco do retrato, da imagem de tudo. Tem a imagem do peba, tem a imagem do pote que foi feito antigamente. Tudo ali foi um retrato dos nossos antepassados, retrato de que construiu aquela história. (Cícero Pereira – Liderança Indígena Kanindé)

3 Cacique do Povo Kanindé de Aratuba, precursor nos saberes e fazeres da museologia nativa entre os Kanindé no estado do Ceará.

O Museu dos Kanindé foi formado a partir da grande paixão do Cacique Sotero em guardar e colecionar objetos que fizessem referência aos seus antepassados, seus costumes e modos de vida. O processo de formação do acervo se inicia ainda na década de 1990, portanto, concomitantemente ao processo de afirmação étnica dos Kanindé (1995). É anterior a criação da Associação Indígena Kanindé de Aratuba (1998) e da luta por uma educação diferenciada (1999). Poderíamos afirmar que entre os Kanindé, foi uma das primeiras experiências de afirmação da indianidade, pois criado “para contar a história do índio na sociedade” (Cacique Sotero). Sobre a formação do seu acervo Alexandre Gomes nos diz:

O acervo começou a ser coletado antes, mas foi principalmente após 1995, os primeiros anos de mobilização étnica, que se foi avolumando com mais rapidez, como vestígio desse processo. Compreendemos a constituição deste acervo como parte do processo de mobilização por reconhecimento. Foram se acumulando objetos representativos das vivências em um presente indígena (participação em atos, reuniões, viagens, materiais de eventos e mobilizações, objetos rituais, adornos corporais, jornais, fotografias etc.) e das investigações documentais que começaram a fazer, das seleções e descartes, das apropriações e invenções, das ações voltadas para a construção de um passado no qual falam dos ancestrais, de suas migrações e territorialização, resistência e sofrimento, perseguições e lutas para manter a posse das terras. (GOMES, 2012: 103)

Entretanto, o Museu Kanindé só foi aberto ao público em 1996, após o acirramento da luta pela terra da Gia⁴. Trata-se de um espaço de memória que retrata a história do povo indígena Kanindé através dos seus objetos e da memória indígena local. Foi criado com o objetivo de contar as memórias dos troncos velhos para as novas gerações. Em seu acervo traz objetos representativos do modo de vida do povo Kanindé, de como classificam aquilo que de fato é importante para a sua vivência em comunidade e enquanto coletividade. Os objetos estão individualmente ligados a significados e interpretações que remetem a um passado comum e, sobretudo, de organização étnica.

Cada vez que o tempo passava eu fui amadurecendo e fui achando e ganhando mais coisas, fui pensando que era uma cultura nossa, por exemplo, a caça que nós gostava muito de caça e ainda hoje nós gosta, só que elas tão mais difícil por causa das matas que foram muito acabada... Mais era eu pensar que aquilo ali era uma cultura nossa, como o milho e as outras coisas, tudo era coisa que ia ser bem difícil pra gente, por isso que eu guardava pra mostrar como era, porque quando eu fui vendo as coisas mudando eu pensei em guardar aquelas coisas pra gente ver a diferença de hoje pra o tempo passado. E comparava aquelas coisas como um museu, eu disse: eu vou guardar que são coisas velhas que nossos filhos talvez num alcance, pro meus netos e meu povo que não conhece, eu vou mostrar as coisas velhas antigas que diziam que tinha índios. (Cacique Sotero)⁵

O Museu Indígena Kanindé funcionou a princípio em um pequeno quartinho ao lado da casa de seu fundador. Cacique Sotero sempre apresentava com muita emoção os objetos guardados dentro daquele pequeno espaço físico, mas de muita importância para os Kanindé. Foi através dele que as principais ações

4 Área de proteção ambiental se tornou uma reserva indígena do povo Kanindé após o processo de luta pela terra entre o povo, reservada a preservação da fauna e da flora, onde é proibida a caça de animais.

5 Entrevista com José Maria Pereira dos Santos (Cacique Sotero), hoje com 73 anos realizada por Suzenilson da Silva Santos em maio de 2015.

Museu Kanindé:

Fórum de Conhecimentos à Ancestralidade Indígena

relacionadas a memória e o patrimônio foram sendo desenvolvidas. Foi no antigo espaço do Museu Kanindé que tudo começou: as formações, a limpeza dos objetos, a marcação e as outras atividades relacionadas ao museu e a escola diferenciada.

Nesse processo de reorganização do Museu dos Kanindé nasce o desejo de que as ações pudessem ser mais eficazes e contribuir, inclusive, na formação dos jovens estudantes da escola diferenciada. Pensando nessa perspectiva foi discutido a criação de um Núcleo Gestor e Educativo para o Museu Kanindé, podendo assim delinear ações para o crescimento do papel educativo do museu. A Criação do Núcleo Gestor e Educativo para o Museu Kanindé foi sempre um sonho do Cacique Sotero que desde o início idealizava a formação de um grupo que pudesse dar continuidade ao seu trabalho. A proposta foi discutida na comunidade concomitantemente à pesquisa de campo realizado pelo antropólogo Alexandre Oliveira Gomes (UFPE) durante sua dissertação de mestrado na aldeia dos Kanindé. Na ocasião, foi pensado em se criar uma equipe que pudesse dar conta de atividades de formações, mediação e gestão.

Assim, entre os meses de maio e julho de 2011, foi desenvolvido um trabalho de elaboração da documentação museológica do Museu Indígena Kanindé. O principal objetivo naquele momento era inventariar as peças, realizando a identificação, bem como sua classificação e marcação dos objetos do acervo. Para esse trabalho foi formado um grupo de trabalho GT, que posteriormente culminou no Núcleo Educativo do Museu Indígena Kanindé. Este era composto por estudantes da escola indígena Manoel Francisco dos Santos, que possuíam faixa etária entre 13 e 17 anos, coordenado por um professor da Escola Kanindé, Suzenilson Santos, que assumiu a organização.

Enquanto núcleo educativo durante a formação de Alexandre atuei dentro das diversas áreas do processo de inventário do MK. Dentre elas estão identificação do acervo, higienização, catalogação, marcação, e reorganização das peças. Posteriormente atuei como monitora recebendo os visitantes no MK, e viajando enquanto representante do mesmo. (Antônia da Silva Santos – Monitora do Museu Kanindé).⁶

Os jovens estudantes passaram por uma capacitação antes de iniciar os trabalhos de documentação no acervo do museu. Houve a partir desse momento uma verdadeira formação técnica para os integrantes do GT.

Tivemos várias oficinas como museologia, antropologia e entre outras, eu participei de tudo, pois a formação dele teve o intuito de capacitar jovens da comunidade pra dar continuidade a nossa história, aprendemos e repassamos nossa história e também que ajuda muito na nossa educação e com isso temos facilidades de ingressar na área que gostamos que pra maioria dos jovens que participaram do núcleo é a museologia e facilitará muito nós no futuro e no agora também. (Breno Rocha Santos – Monitor do MK em 2011 a 2015)⁷

O aprendizado dos Monitores do núcleo educativo do Museu Kanindé sempre foi um desejo do cacique Sotero, para que pudesse dar sustentabilidade à cultura e à memória dos Kanindé. Diante das ações de formação desenvolvidas pelo Museu, os estudantes / monitores se tornaram homens e mulheres de

6 Entrevista realizada com Antônia da Silva Santos, hoje com 20 anos, por Suzenilson da Silva Santos em junho de 2015.

7 Entrevista realizada com Breno Rocha Santos, hoje com 23 anos, por Suzenilson da Silva Santos em junho de 2015.

grande conhecimento e futuras lideranças. As formações foram de suma importância, como podemos constatar nas palavras da monitora Antônia da Silva Santos:

A experiência adquirida durante o processo de inventário, me permitiu aperfeiçoar os conhecimentos nas áreas de memória e patrimônio, e dentro do campo das ciências sociais de modo mais amplo. Na área profissional pude identificar uma nova área de formação acadêmica, cuja qual, futuramente pretendo aprofundar-me. Na área de educação, pude aperfeiçoar as áreas de conhecimento dentro das ciências humanas, melhorando consideravelmente minhas notas nessa área. Na área pessoal pude adquirir maior maturidade intelectual e pessoal, além de desenvolver maior simpatia pelos aspectos históricos do meu povo. (Antônia da Silva Santos – Monitora MK)

Muitos desses alunos que participaram do Núcleo Educativo atualmente passaram na universidade em cursos que vão desde a gastronomia, administração, biologia, entre outros. A vontade dos alunos, bem como da comunidade no geral, é de que os mesmos voltem e deem sustentabilidade e continuidade à educação e cultura do povo Kanindé.

Foi através do MK que consegui crescer tanto na comunidade quanto fora, em relação à vida profissional e educacional contribuiu bastante para meus conhecimentos. Em relação ao início onde e como tudo começou, não participei exatamente do início, entrei em um segundo momento de criação do livro de tombo e inventário participativo e fui uma das monitoras, o MK é de suma importância para a comunidade pelo simples de que ele mantém viva a história, cultura e identidade. (Samara Lourenço – Monitora do Museu Kanindé de 2013 a 2016)⁸

Foi justamente por meio da mobilização e articulação comunitária em torno da memória e de nossa ancestralidade indígena que ao longo dos últimos anos obtivemos grandes conquistas para todo o povo Kanindé. Dentre elas destacamos a construção da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos e do Museu Indígena Kanindé que passaremos a analisar mais detidamente a relação entre os dois espaços no tópico seguinte e como essa relação se deu ao longo dos anos.

Através do espaço de memória e da escola de sentidos, são dados prosseguimento às ações de inventário participativo das referências culturais em todo território Kanindé, por meio de uma articulação entre Escola, Museu e instituições parceiras. Este trabalho começa após uma reunião na Escola Indígena dos Kanindé, que contou com a participação de representantes do Núcleo Educativo do Museu Indígena Kanindé, de alguns professores indígenas e lideranças locais, de um representante do Museu Comunitário Quilombola da Serra do Evaristo (instituição na qual estávamos dialogando), e do Historiador João Paulo Vieira Neto, membro da Rede Cearense de Museus Comunitários⁹ e Consultor do Programa Pontos de Memória¹⁰ convidado para coordenar ações em torno do inventário participativo.

8 Entrevista com Samara dos Santos Lourenço, hoje com 24 anos, por Suzenilson da Silva Santos em junho de 2015.

9 A RCMC é um espaço de articulação política e mobilização social constituída para potencializar esforços, ampliar ações e fortalecer atores e coletividades unidas em torno da apropriação comunitária do patrimônio e da memória local como ferramenta, preservação e defesa dos territórios, ecossistemas e referências culturais.

10 O programa Pontos de Memória reúne um conjunto de ações e iniciativas de reconhecimento e valorização da memória social, de modo que os processos museais protagonizados e desenvolvidos por povos, comunidades, grupos e movimentos sociais, em seus diversos formatos e tipologias sejam reconhecidas e valorizadas como parte integrante e indispensável da memória social brasileira.

Conclusão

Compreendemos que o museu indígena Kanindé configura-se como espaço propício para a educação indígena, integrando museu e escola indígena e diferentes gerações nas lutas pelos direitos Kanindé. Deste modo, nos últimos anos o museu indígena Kanindé vem realizando diversas ações em parceria com a Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, que contribuem no fortalecimento da organização comunitária ao trabalhar diversas formas de socializar a memória, o patrimônio, bem como as práticas culturais, difundindo a história local como forma de assegurar às futuras gerações a memória social dos Kanindé.

O museu Kanindé possui uma grande contribuição para a educação escolar diferenciada, portanto, a escola indígena Manoel Francisco dos Santos do povo Kanindé e o Ponto de Memória: Museu Indígena Kanindé, interdisciplinarmente, devem dialogar sobre como fortalecer e consolidar as suas relações, através de projetos e ações comuns nos campos da memória e do patrimônio cultural, e que essa ações atuem para além e paralelamente à educação escolar indígena, no fortalecimento e transmissão dos saberes, de cantos, de danças, de elementos da espiritualidade e dos modos de fazer, contribuindo de maneira eficaz para a valorização dos troncos velhos.

O museu Kanindé é compreendido como um espaço vivo, que agrega rezadores, pajés, benzedores, parteiras, lideranças e ancestrais, tornando-se o lugar onde os troncos velhos narram suas memórias para as novas gerações, possuindo uma íntima relação com o território, pois suas atividades não estão restritas somente aos espaços físicos, mas aos lugares sagrados, aos ecossistemas, ao patrimônio cultural e aos sítios arqueológicos existentes no território. Que o museu para os Kanindé fala de suas histórias não apenas no passado, mas também no presente, destacando-se as lutas e resistências empreendidas, por conta disso, torna-se um lugar privilegiado para o registro da memória dos trocos velhos.

Referências

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e patrimônio*. Ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

FEITOSA, Padre Neri; MARTINS, Raimundo Nonato Pereira. *Canindé*: Gráfica e Editora Canindé, 2011.

FREIRE, José Ribamar Bessa. A descoberta dos museus pelos índios. In: *Cadernos de etnomuseologia*. Nº 01. Rio de Janeiro Estado do Rio de Janeiro, 1998, p. 5-29.

GOMES Alexandre Oliveira; VIEIRA NETO, João Paulo. *Museu e Memória Indígena no Ceará: Uma proposta em construção*. Fortaleza: SECULT, 2009.

GOMES Alexandre Oliveira. *Aquilo é uma coisa de índio: objetos, memória e etnicidade entre os kanindé no Ceará*. Dissertação (mestrado em Antropologia) - UFPE. Recife. 2012.

MUSEUS E MEMÓRIA INDÍGENA NO CEARÁ: a emergência étnica entre lembranças e esquecimentos. In: PALITOT, Estevão Martins (Org.). *Na mata do sabiá*. Contribuições sobre a presença indígena no Ceará. Fortaleza: Museu do Ceará/ Imopec, 2009a, p. 367-391.

NERI, Padre. OS CABOCLOS DE MONTEMOR. In: *Revista do Instituto Histórico do Ceará*. Fortaleza: Editora do Instituto Histórico do Ceará, 1916, p. 279-302.

NERI, Padre. *Origens do Canindé*. Escolar e turístico. Canindé: Instituto memória de Canindé, 2002.

OS CABOCLOS DE MONTEMOR. In: *Revista do Instituto Histórico do Ceará*. Fortaleza: Editora do Instituto Histórico do Ceará, 1916, p. 279-302.

PINHEIRO, Francisco José. *História do conflito*. Os povos nativos e os europeus no Ceará. 2002. p. 37-48.

PUNTONI, Pedro. *A guerra dos bárbaros*. Povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720. São Paulo: HUCITEC: Editora da USP: FAPESP, 2002.

RATTS, A.J.P. *Os Povos Invisíveis: Territórios Negros e Indígenas no Ceará*. 1996.

SANTOS, Suzenilson da Silva. Os Kanindé no Ceará. O Museu indígena como uma experiência em museologia social. In: CURY, M. X. (org.). *Museus e indígenas: saberes e ética, novos paradigmas em debate*. São Paulo: Secretaria da Cultura: ACAM Portinari: MAE-USP, 2016. p. 156-160. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/86>.

SILVA, Isabelle Braz Peixoto da. *O Relatório Provincial de 1863*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009.

VARINE, Hugues de. 2012. *As Raízes do Futuro: O Patrimônio a Serviço do Desenvolvimento Local*. Tradução de Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz.

Entrevistas

Entrevista com José Maria Pereira dos Santos, o Cacique Sotero, realizada por Suzenilson da Silva Santos, em 18 de maio de 2015.

Entrevista com Cicero Pereira dos Santos, liderança Kanindé, realizada por Suzenilson da Silva Santos, em 20 de maio de 2015.

Entrevista com Breno Rocha Santos, Monitor MK, anos, realizada por Suzenilson da Silva Santos, em 13 de junho de 2015.

Entrevista com Antônia da Silva Santos, Monitora MK, realizada por Suzenilson da Silva Santos, em 20 de junho de 2015.

Entrevista com Samara Lourenço dos Santos, Monitora MK, realizada por Suzenilson da Silva Santos, em 22 de junho de 2015.